

Os atalhos para o inferno

Nas emergências dos hospitais da Zona Oeste, faltam médicos e estrutura e sobram tragédias

Carter Anderson

Em estado terminal, os serviços de emergência em hospitais públicos da Zona Oeste são atalhos para o inferno a qualquer dia da semana. A falta de médicos e a carência de infra-estrutura aliam-se à insensibilidade humana e ao apego à burocracia para produzir situações dramáticas, como as presenciadas pelo GLOBO na última sexta-feira, em Campo Grande, no Hospital Rocha Faria. Mãos no peito, chorando de dor e desespero, Lúcia Raulfo, de 51 anos, chegou carregada às 4h30m. Respirando com dificuldade, Lúcia ficou gemendo na porta da emergência, mal conseguindo sentar-se. Enquanto isso, vigias da empresa Tanka repetiam a desculpa para a filha de Lúcia, Simone Alves, de 19 anos:

— Só há dois pediatras e um ortopedista. Os pediatras disseram que só tratam de crianças. A emergência não está funcionando. É melhor você levar sua mãe para o Albert Schweitzer.

Demonstrando mais perplexidade do que revolta, Simone ficou imaginando como iria a um hospital a cerca de 20 quilômetros de distância, em Realengo, depois de viajar num ônibus durante quase uma hora, desde a Estrada do Magarça, onde mora com a mãe e oito irmãos na comunidade carente 138. Simone caminhou cem metros, até o Quartel do Corpo de Bombeiros de Campo Grande, àquela hora com duas ambulâncias disponíveis — mas a transferência só seria possível se um médico do Rocha Faria ligasse pedindo. O trabalho de discar sete dígitos, no entanto, pareceu excessivo aos médicos que, através dos vigias, repetiram a desculpa.

Àquela altura, outros três vigias dormiam sentados, enquanto Lúcia continuava gemendo de dor e dizendo que iria morrer. A cena foi vista de passagem por um médico. De cabelo grisalho, bengala e aparentando 60 anos, ele olhou para Lúcia, mas sequer parou para perguntar o que estava acontecendo. Entrou no hospital e desapareceu.

Quatro pessoas tiveram socorro negado no Hospital Rocha Faria

Lúcia não foi a única a ter socorro negado no Rocha Faria. Pelo menos três outras pessoas — um homem vomitando, uma mulher com dormência no lado direito do corpo e um rapaz inconsciente — foram levados nos carros de parentes para outros hospitais na madrugada de sexta-feira, como o GLOBO presenciou diante da emergência do Rocha Faria. Sem conseguir ser examinada, Lúcia foi para o Hospital Albert Schweitzer no carro da reportagem do jornal, uma hora após ter chegado ao Rocha Faria. Os médicos diagnosticaram bronquite asmática, lhe deram soro e a submeteram a uma nebulização — procedimentos simples, ao alcance dos pediatras em Campo Grande.

Caso sofresse de doença mais grave, Lúcia provavelmente teria o mesmo destino de Neusa Ferreira de Oliveira, que morreu diante da emergência do Albert Schweitzer, domingo passado, quando duas médicas estavam de plantão e não prestaram socorro. Durante a



APÓS NOVE horas de espera, Aidê Bernardo de Souza é transferida do Albert Schweitzer para o Carlos Chagas. No hospital de Realengo não havia sangue para uma simples transfusão

semana, o serviço de emergência do hospital abriu as portas e revelou uma realidade tão desalentadora como a do Rocha Faria. Sem equipamentos básicos, a emergência do Albert Schweitzer chega a parecer um depósito de doentes à espera de um milagre. Na madrugada de quarta-feira, Aidê Bernardo de Souza, de 53 anos, agonizou durante nove horas numa das camas da emergência. Vítima de anemia aguda, provocada por hemorragia digestiva, ela precisava de transfusão de sangue, mas o estoque do hospital estava zerado.

— Ela precisa de quase dois litros de sangue O negativo e tem que ser transferida. Só que não temos ambulância. Dependemos do Corpo de Bombeiros. Já ligamos para eles. Estamos esperando há quase oito horas — disse um dos médicos de plantão, que pediu para não ser identificado, temendo punição da direção do hospital. Só às 3h (após nove horas de espera), Aidê foi transferida.

Situações iguais não são novidades no Albert Schweitzer. Outro médico de plantão na madrugada de quinta-feira contou que no fim de 1995 uma grávida de seis meses em estado desesperador esperou cinco horas por remoção, o que lhe custou a perda da criança:

— Ela tinha um descolamento prévio de placenta, que pedia cirurgia imediata. Mas não havia obstetras e o único cirurgião da equipe estava de férias. Quando foi levada, o bebê já tinha morrido. Coisas assim se repetem e muitas vezes os parentes não entendem e nos ameaçam — contou o médico, que quase levou um tiro em plena enfermaria.

Foi há cerca de quatro meses. Segundo o médico, uma criança de três anos deu entrada na emergência com um caroço de feijão entalado no nariz. Sem equipamentos adequados para fazer a extração, o médico desculpou-se e disse ao pai da criança que infelizmente ele precisaria levá-la a outro hospital:

— E se eu infelizmente lhe desse um tiro na cara? — retrucou o pai, com um revólver calibre 38 na cintura.

— O senhor ia matar alguém que o está atendendo com educação — respondeu o médico.

— Sua sorte é que eu já vim aqui outra vez e o senhor atendeu meu filho — disse o homem, antes de ir embora.

Impotentes ante à carência de recursos e à revolta dos pacientes, os médicos orientam os vigias a barrar na porta da emergência pessoas em busca de serviços em falta no Albert Schweitzer.

Há quatro meses, o hospital perdeu os últimos ortopedistas da emergência:

— E o hospital é à beira da Avenida Brasil. Era uma das especialidades mais necessárias aqui — protestou um médico, de plantão quarta-feira passada.

Na antiga sala de ortopedia, onde hoje há uma cama e um biombo, são dadas as injeções — menos as antitetânicas, em falta há cerca de seis meses. Como nas demais salas da emergência, o ambiente é quente e insalubre. Na madrugada da última quarta-feira, uma barata voadora brincava sobre um colchonete na sala dos médicos, enquanto um dos plantonistas enumerava os problemas vividos pela equipe:

— Aqui é um açougue, na emergência tem até pulgas. A única sala de cirurgia funcionando está em condições razoáveis, mas o problema é a máquina de esterilização. Ela vive quebrando e eu já operei com equipamentos apenas lavados — protestou um médico.

Com a dispensa dos médicos prestadores de serviço, a situação ficou ainda pior, segundo os plantonistas, agora sem o reforço dos autônomos. Segundo dados do Sindicato dos Médicos, só a equipe de plantão de domingo ficou sem três clínicos:

— Em setembro, eram 21, mas além destes três, houve abandonos de emprego, pedidos de demissão e transferências. Em dezembro, a equipe já estava reduzida a oito médicos. Domingo passado, seis faltaram e foram punidos. E as outras duas médicas avisaram que, nestas condições, não trabalham mais — disse o presidente do Sindicato dos Médicos, Luiz Tenório.

A julgar pelo depoimento dos remanescentes, a evasão continuará. Um dos médicos em serviço na quarta-feira contou que, num plantão de 24 horas numa clínica particular em Bangu, chega a ganhar R\$ 1.200. No Estado, recebe salário de R\$ 400, gratificações incluídas:

— Quatro colegas do meu plantão foram embora nos últimos seis meses. Neste momento (2h da madrugada), somos só quatro plantonistas na emergência. Aqui eu aprendi muito, semanalmente tínhamos reuniões científicas. Mas o ânimo está acabando. Em seis meses eu saio e acho que outros vão também — avisou o médico.

Ele sintetiza a opinião dos plantonistas ouvidos durante três dias da semana passada, no Albert Schweitzer:

— Parece um plano para eliminar a saúde pública. E estão conseguindo. ■